



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE  
FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS ESCOLA DE COMUNICAÇÃO  
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

**LIBERDADE SEXUAL E SEXUALIDADE FEMININA:  
DISCURSO X PRÁTICA**

**MARIANA MONTEIRO RUSSO**

RIO DE JANEIRO  
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO CENTRO DE  
FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**LIBERDADE SEXUAL E SEXUALIDADE FEMININA:  
DISCURSO X PRÁTICA**

Monografia submetida à Banca de Graduação  
como requisito para obtenção do diploma de  
Comunicação Social/Publicidade e Propaganda.

**MARIANA MONTEIRO RUSSO**

**Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Junqueira**

RIO DE JANEIRO  
2019

## LIBERDADE SEXUAL E SEXUALIDADE FEMININA: DISCURSO X PRÁTICA

Mariana Monteiro Russo

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda.

Aprovado por

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. / Comunicação Social - UFRJ - Maria Helena Junqueira - orientadora

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. / Comunicação Social – UFRJ - Simone Perelson

---

Prof. Dr<sup>a</sup> / Comunicação Social – UFRN - Leila Salim Leal

Aprovada em:

Grau:

Rio de Janeiro/RJ  
2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO ESCOLA DE  
COMUNICAÇÃO

**TERMO DE APROVAÇÃO**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Liberdade Sexual e Sexualidade Feminina: Discurso x Prática**, elaborada por Mariana Monteiro Russo.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia ...../...../.....

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Junqueira  
Doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRJ

Profa. Dra. Simone Perelson  
Doutora em Psychopathologie Fondamentale et Psychanalyse pela Université Paris Diderot  
Professora Adjunta ECO/ Departamento de Fundamentos e IP/PPGTP - UFRJ

Profa. Leila Salim Leal  
Doutora em Comunicação Social pela Escola de Comunicação – UFRJ  
Departamento de Comunicação - UFRN

RIO DE JANEIRO  
2019

## FICHA CATALOGRÁFICA

RUSSO, Mariana Monteiro.

Liberdade Sexual e Sexualidade Feminina: Discurso x Prática. Rio de Janeiro, 2019.

Palavras-chave: Sexualidade feminina; prazer feminino; desejo sexual; satisfação sexual.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/Publicidade e Propaganda)  
– Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientadora: Maria Helena Junqueira

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a sexualidade das mulheres sob a ótica de apropriação de seus próprios desejos e relacionamentos e identificar a perpetuação de certos modelos e formatos de comportamentos que não se renovam, mesmo com movimentos sociais. Ao longo da pesquisa, foi demonstrado o desenvolvimento da mulher como produto sexual de uma história social e cultural, os diferentes conceitos de feminilidade e masculinidade, as especificidades do imaginário brasileiro, o engajamento em sexo casual e o panorama da satisfação sexual. Também foram examinados os padrões de escolha dentro da sexualidade feminina, as liberdades e novas formas de repressão e ansiedade femininas. Ao final, é feita uma análise e comparação do discurso versus a prática na vivência da sexualidade e satisfação sexual das mulheres e da diferença de comportamento e visão entre gêneros sob antigos e novos valores.

**Palavras-chave:** Sexualidade feminina, prazer feminino, desejo sexual, satisfação sexual.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
CAPÍTULO I – A MULHER COMO PRODUTO SEXUAL DE UMA HISTÓRIA SOCIAL E CULTURAL .....	2
1.1 Desenvolvimento histórico e social.....	2
1.2 Estudos culturais e cultura contemporânea .....	3
1.3 Imaginário carioca.....	11
CAPÍTULO II – SOBRE A SEXUALIDADE .....	13
2.1 Padrões de escolha .....	14
2.2 Sexualidade feminina.....	15
2.3 Sexualidade brasileira na fantasia popular .....	19
2.4 Garotas fálicas: liberdade ou novas formas de repressão?.....	22
2.5 O mistério feminino e a mulher perigosa .....	24
2.6 Ansiedade feminina.....	25
CAPÍTULO III – SEXUALIDADE FEMININA: DISCURSO X PRÁTICA .....	27
3.1 Novos valores, mesmos pensamentos: diferença de comportamento e visão entre gêneros – Psicologia social.....	27
3.2 Sexy x sexual .....	32
3.3 Discursos e práticas.....	33
3.4 Satisfação sexual.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	41

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho se desenvolveu a partir de questões pessoais acerca do tema: desde o final da adolescência, me descobri fascinada sobre a construção do “ser mulher” sob diversos prismas teóricos: na comunicação, na antropologia, na psicologia, na sociologia, etc. Nos últimos anos, me percebi como mulher sob óticas de liberdade, escolha e desejo em um mundo que se abriu para mim, cheio de possibilidades. Ao mesmo tempo, me surpreendi quando, ao olhar ao meu redor com mais atenção e profundidade, me deparei com uma realidade, prática e implacável, de elementos significativos e simbólicos que eu julgara ultrapassados.

Hoje, me interesso em investigar uma área do universo feminino ainda controversa e complexa: a sexualidade. O objetivo desse trabalho é analisar como a mulher contemporânea tem vivido essa aparente liberdade sexual. O desejo real vem das possibilidades de escolha, que pressupõe livre arbítrio. Até que ponto diferenciamos nossos desejos genuínos daqueles criados e reproduzidos?

Sendo impossível responder em totalidade essa pergunta, me proponho aqui a desvendar e analisar esse universo aonde diversas forças atuam. O conteúdo desse projeto é, também, fruto da identificação com as causas feministas, necessárias para construir a visão dos argumentos aqui presentes, e se provando necessárias tanto como instrumentos de análise como de luta.

O primeiro capítulo procura entender a mulher como produto de uma história social e cultural e também analisar os estudos culturais contemporâneos de gênero. O segundo capítulo fala sobre os mecanismos da sexualidade, padrões de escolha e um olhar sob as formas e possibilidades da sexualidade feminina sob a visibilidade contemporânea. O terceiro capítulo compara discursos e práticas sobre a sexualidade, ressaltando papéis de gênero e comportamentos masculinos e femininos. O quarto capítulo apresenta as considerações finais.



# **CAPÍTULO I – A MULHER COMO PRODUTO SEXUAL DE UMA HISTÓRIA SOCIAL E CULTURAL**

Nesse capítulo, será abordado o desenvolvimento histórico e social da mulher como produto sexual, os estudos da cultura contemporânea de gênero, e o imaginário popular acerca do Rio de Janeiro.

## **1.1 Desenvolvimento histórico e social**

Em Gramáticas do Erotismo (1999), Joel Birman, em sua análise sobre os estudos de Freud sobre a mulher, conceitualmente paradoxais e controversos., mostra que desde a Grécia antiga o conceito do feminino é tido como atrelado ao masculino, como uma óbvia continuação. O universalismo masculino conclui que o “ser mulher” poderia ser revelado por uma especulação em relação ao do homem, sob a forma de comparação ou até diminuição. O masculino é a referência exemplar, isto é, tendo o homem como referência conseguiríamos entender o “ser mulher”. O homem é o molde perfeito, transparente e evidente, restando para a figura feminina a obscuridade enigmática.

A noção de diferença sexual se constituiu firmemente no imaginário cultural do Ocidente na virada do século XVIII para o XIX, a partir das contradições sociais produzidas pelo ideário igualitário constituído pela Revolução Francesa. Todos os cidadãos seriam iguais, ocorrendo então um colapso na dita inferioridade da mulher. A partir daí, a dita inferioridade feminina foi calcada em questões puramente biológicas e posteriormente psicológicas, como no conceito freudiano da inveja feminina do falo.

É importante perceber que toda as descobertas médicas, biológicas, psiquiátricas, psicológicas, etc. em relação às mulheres no século XIX foram calcadas em questões morais presididas pelo cristianismo. Nessa medicalização do feminino, qualquer mulher que ousasse sair do papel de dona de casa/mãe seria uma anomalia e considerada doente pelos médicos da época – das histéricas às mulheres que viviam sua sexualidade em busca de prazer.

O patriarcado atuou também em conjunto com o cristianismo como agente cultural de hierarquia entre os sexos. Segundo Joan Scott (1995):

o patriarcado é uma forma de organização social onde suas relações são regidas por dois princípios basilares: as mulheres estão subordinadas hierarquicamente aos homens, e os jovens estão subordinados hierarquicamente aos homens mais velhos, patriarcas da comunidade. (SCOTT, 1995, p. 71)

A família, sob o molde patriarcal, caracterizava-se pela supremacia masculina centralizada, enquanto as mulheres assumiam um papel secundário, sendo atribuídas a elas apenas o papel funcional de figuras do lar e dos cuidados com os filhos.

É notável o embate e social posto entre maternidade e erotismo ao longo de toda a História. Se no início a obra civilizatória, pelas sendas da maternidade, foi considerada como algo produzido pela virtude e graça das mulheres, depois elas foram consideradas anticivilizatórias, por suas demandas imperativas do desejo e do erotismo. Sob a ótica da maternidade as mulheres se inscrevem no trabalho incansável da construção civilizatória, mas pela vertente do desejo elas seriam um obstáculo intransponível a esse processo.

Nessa posição, a mulher é construtora da civilização como mãe, mas isso lhe custaria o erotismo e sua potencialidade sexual. Essa perda estaria no fundamento da ansiedade da mulher moderna. Esse paradoxo feminino é tão antigo quanto complexo, mas ainda é perceptível na atualidade e tem consequências reais sobre o corpo e a subjetividade.

## **1.2 Estudos culturais e cultura contemporânea**

A cultura é fundamental nos movimentos e lutas sociais, pois participa da constituição das representações envolvidas nas relações sociais e, portanto, age na formação da subjetividade e da coletividade, isto é, na construção de identidades e também de sociedades. Nesse processo de construção, a cultura é um espaço paradoxal de dominação e resistência articulada pelo desejo e exercício do poder a fim de se estabelecer controle social.

Tendo como “mãe” a cultura, é natural perceber aonde se inserem os estudos culturais dentro da academia, do mundo e até na análise da própria cultura. Os estudos culturais são influenciadores e influenciados por outras áreas de estudo. São afetados e afetam diversas áreas de pesquisas. Suas teorias, conceitos e aplicações sofrem alterações ao longo do tempo e dos espaços em que são inseridos. Stuart Hall (1980) explica que “os estudos culturais não configuram uma “disciplina”, mas uma

área onde diferentes disciplinas interatuam, visando ao estudo de aspectos culturais da sociedade.”

Fica evidente, portanto, o poder catalisador da cultura em prol destas ou daquelas argumentações ou discursos. Marilena Chauí (2006) mostra, com embasamentos e argumentos filosóficos e políticos, a relação entre ideologia e cultura e suas conexões com a realidade econômica, política e social. De inúmeras formas, estas podem atuar favorecendo uma espécie de disfarçamento da realidade social que autoriza a legitimação e oficialização de algumas formas de dominação e exploração.

Em “A Comunicação do Oprimido e Outros Ensaio”, Eduardo Coutinho (2014) aborda a cultura como um campo de batalha. Recorrendo à Gramsci, ele justifica que, mesmo em todas as mais sacais manifestações de linguagem, está contida uma visão de mundo. A cultura seria o terreno mais compreensível da comunicação como política. Portanto, sua enorme gama de possibilidades e inserções discursivas podem ser utilizadas ora como dispositivos coercitivos, ou afirmadores e marcadores de opressão e dominação, ora como meios de quebrar com o *status quo*, de resistir e mudar, de fazer a diferença ou fazer diferente.

A emergência do conceito de Poder Simbólico (BORDIEU, 1998) é importante para trazer ao terreno de discussões a impressionante força de uma esfera de coerção social que não é visível nem perceptível aos olhos.

o poder simbólico, é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhes estão sujeitos ou mesmo que o exercem (Bourdieu, 1998, p.7-8)

As produções e produtos simbólicos da realidade serviriam de ferramentas que corroboram a dominância e favorecem os grupos detentores de poder social, político ou econômico. Dentro do mundo simbólico, se encaixam diversas manifestações alternativas, mas equivalentes, de elementos da realidade, tal qual a violência simbólica. Esta nada mais é do que a captura de elementos do Símbolo para reforçar e reafirmar relações de hierarquia, de assimetria, de submissão e de preconceito. Roger Chartier (1995) apud Soihet (2008, p. 198) coloca que:

[...] retomando a tese de Bourdieu, afirma que a construção da identidade feminina teria se pautado na interiorização pelas mulheres das normas enunciadas pelos discursos masculinos; o que corresponderia a uma violência simbólica que supõe a adesão dos dominados às categorias que embasam sua dominação. Assim, definir a submissão imposta às mulheres

como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação – que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída – é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal. (CHARTIER, 1995, p. 40-44 apud SOIHET, 2008, p. 198).

Fernanda Jota (2007) explica que “as questões relativas à sexualidade feminina se articulam de diferentes maneiras em cada momento histórico: os sofrimentos e seus modos de expressão vão ganhando contornos específicos em cada cultura. A maneira como a mulher se coloca diante de sua sexualidade depende de questões constitutivas ou pulsionais, mas também de questões ligadas a costumes de época.”

Diante das lutas, reflexões e provocações feitas ao longo da história dos movimentos feministas e dos estudos de gênero, pode-se dizer que, atualmente, convive-se com uma ilusão pós-feminista, pela qual se entende as questões feministas e de gênero como batalhas travadas e já vencidas. Essa visão, faz com que a problematização de tais questões pareça um exagero, ou mais que isso, uma redundância. A ilusão de que a igualdade já foi alcançada provoca um enfraquecimento dos ganhos conquistados ao longo do tempo, pois usa as próprias conquistas para interrompê-las, afirmando que a liberdade desejada pela classe oprimida, a das mulheres, já foi adquirida há tempos atrás e que não haveria mais pelo que contestar e lutar. Dessa forma, ofuscam-se as novas e atuais formas de atuação do sistema patriarcal, ou do Simbólico que atuam nos campos em que foram cedidos espaços a elas. Jota (2007) comenta:

Na luta pela libertação das amarras sexuais, ditadas pelos dogmas morais, a mulher contemporânea se arvorou por novas formas de erotismo. Porém, a sexualidade da mulher contemporânea parece expressar valores cultivados pela própria sociedade atual. Essas modalidades de relacionar-se com o outro têm um toque do investimento narcísico incentivado atualmente. Novos mitos femininos estão surgindo para substituir aqueles antes atribuídos à elas. A mãe agora é aquela que também trabalha fora de casa. A mulher romântica é também a que seduz ativamente. A mulher passiva eroticamente tornou-se ativa na relação sexual. (JOTA, 2007, p.6)

Em artigo de 2006, Angela McRobbie disserta sobre o contrato sexual que é atualmente oferecido às mulheres sob a ótica deleuziana de “luminosidades”. As jovens mulheres são convidadas a se inserir em espaços iluminados em que o poder, ou a parte dele oferecida, é, na verdade, criada pela própria luz. A sensação de mobilidade aliada a exposição teatral dada a essas novas “oportunidades” para a jovem mulher são maneiras desses mecanismos de ação sociais e culturais agirem

como formas de novas identidades femininas. McRobbie faz a sua análise desse novo contrato sexual investigando como essas luminosidades nascem e sobrevivem na contemporaneidade e como a imagem, ou a sensação, de poder e liberdade é reflexo daquelas mesmas.

São considerados quatro espaços, ou tecnologias, de identidade da jovem mulher. O primeiro é o complexo de moda e beleza, do qual emerge a mascarada<sup>1</sup> pós-feminista como modalidade distinta de agência feminina. O Simbólico age, e reage, pela sua própria sobrevivência. Para lidar com as novas configurações de atuações femininas sem abrir mão de manter o seu domínio, ele repassa suas demandas para o domínio comercial (beleza, moda, revistas, cultura do corpo, etc). Existem muitas variantes da mascarada pós-feminista, mas essencialmente ela consiste no reordenamento da feminilidade, para que os estilos antigos que sinalizavam a submissão, sejam reinstituídos. Refere-se sempre a seus artifícios, é adotado pelas próprias mulheres como atitudes conscientes.

Essa tecnologia ajuda a mulher a navegar no terreno da masculinidade hegemônica sem colocar em perigo sua identidade sexual. No mercado de trabalho, no qual se encontra inserida agora, pode se tornar um *locus* de vulnerabilidade. Ou simplesmente ela teme ser considerada antifeminina ao se destacar como mulher poderosa, e sua posição lhe custar o desejo masculino. “É precisamente porque a mulher hoje é capaz de funcionar como sujeito da linguagem (participar da vida no trabalho) que a mulher “fantasiada/mascarada” existe, para gerenciar o campo de antagonismos sexuais e reconstituir a mulher como signo.” (MCROBBIE, 2015)

A feminilidade altamente estilizada opera em um movimento duplo: sua estrutura voluntarista oculta o fato de que o patriarcado ainda é vigente, enquanto as demandas dos sistemas de beleza e moda garantem que as mulheres ainda sejam sujeitos medrosos, impulsionados pela necessidade de “perfeição completa”.

Em *O Mito da Beleza*, Naomi Wolf fala da resistência e da oposição ao feminismo que, para contrapô-lo, incentiva o olhar minucioso sobre a beleza. Ela aponta algumas das vitórias femininas tidas com o renascimento do feminismo na década de 70 como, por exemplo, os direitos legais e o acesso ao ensino superior, mas se questiona se as mulheres da geração seguinte se sentem verdadeiramente livres. Esse

---

<sup>1</sup> O termo 'Mascarada' foi usado primeiramente por Riviere em 1929 e explorado posteriormente por Judith Butler em *Gender Trouble* em 1999 para fazer referência a maneira autoconsciente de fazer com que as jovens mulheres colaborem com a estatização das normas de gênero.

questionamento suscita uma reflexão sobre o significado das conquistas femininas frente às barreiras construídas pelas problemáticas de gênero. Mulheres consideradas prósperas, instruídas e liberadas do Primeiro Mundo – que possuem liberdades intangíveis para qualquer outra mulher – não se sentem livres o quanto gostariam. As mulheres que são o exemplo da libertação feminina, não se sentem verdadeiramente livres. E muito dessa privação da liberdade está relacionada a questões triviais que estão intimamente ligadas à aparência física.

É inegável que a situação das mulheres melhorou de uns anos para cá. Têm muito mais possibilidades de existência e de experimentação. Porém, a preocupação com a aparência ainda é limitadora, e consideravelmente maior do que a mesma atenção dispensada para isso por parte dos homens. É só pensar neste cenário: uma mulher e um homem focados em sua carreira corporativa ou acadêmica. O homem vai focar em ser um bom profissional. A mulher obviamente também terá como meta ser brilhante em sua área, mas muitas carregam consigo também o peso da estética perfeita. A necessidade da perfeição inatingível para balancear essa entrada em um mundo masculino e negociar-se como objeto de desejo. Nesse enredo, conseguimos enxergar que o homem tem menos distrações entre ele e seus objetivos. Isso porque tais domínios não têm relação com o feminino, pois “o mito diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens.” (WOLF, 1992, 17)

O mais nefasto nesse cenário de poder sob forma de moda e beleza não é apenas a cobrança estética e padrões irrealistas de aparência gerados pelo Simbólico, mas também, e principalmente, suas consequências comportamentais e formadoras de identidade e identificação.

Wolf (1992) afirma categoricamente que o mito da beleza na realidade sempre determina o comportamento, não a aparência. Ao regular o comportamento, a beleza determina a identidade feminina que só se firma a partir da aprovação externa. O mito da beleza está muito presente nas características reconhecidas das estéticas feministas e o estereótipo de feminista feia e masculina. Um exemplo disso é a invenção da imagem da feminista feia, elaborada para ridicularizar as mulheres feministas do século XIX como forma de coagí-las e calá-las. (CATILO, 2015, p.49)

Essa atenção e preocupação com a aparência e estética feminina se tratam de uma violenta reação contra o feminismo que emprega imagens da beleza feminina como uma arma política contra a evolução da mulher: o mito da beleza.

Nesse sentido, “o mito da beleza” ocupa uma posição de agente de coerção social que toma o lugar de outros agentes que não conseguem mais coagir e intimidar as mulheres, como a maternidade, a domesticidade, a castidade e a passividade que são ferramentas do domínio social cada vez mais lânguidas. A essa entidade de coerção feminina, que se utilizava de tais ferramentas, nomeia-se por “a mística feminina”. (CATILO, 2015, p. 54)

O mito da beleza é uma alternativa, uma espécie de versão atualizada para o quadro social da época da Revolução Industrial em que as mulheres estavam envoltas pela mística feminina da domesticidade. Passado o tempo, no lugar dessa mística foi introduzido o mito da beleza a fim de dar continuidade ao poder da ordem masculina. A mística feminina foi reforçada pela psicologia popular e pelas revistas porque as mulheres como consumidoras, eram essenciais para o desenvolvimento da sociedade industrial. Dessa forma, um papel social importante foi convertido em uma qualidade memorável para a conduta das mulheres. E quando a qualidade feminina não pôde ser mais associada à domesticidade por conta dos desdobramentos sociais, econômicos e culturais o mito da beleza veio substituí-la. Dessa forma, as mulheres passam a deixar de focar no papel da dona de casa feliz e passam a priorizar a construção de seu projeto de sujeito como indivíduo insatisfeito em busca da beleza.

Em segundo lugar, há o espaço luminoso da educação e do emprego, dentro do qual emerge a figura da *working girl*. A mulher jovem passa a ser entendida como portadora em potencial de qualificações. As mulheres jovens que não realizam seu potencial ou não têm a motivação e ambição de se aprimorarem em grau suficiente são condenadas mais enfaticamente do que teriam sido no passado, por sua falta de *status* e outras falhas. Jovens mães trabalhadoras, por exemplo, por vezes recuam de qualquer ideia de um debate sobre a desigualdade em casa e procuram formas, com a ajuda do governo, de administrar sua dupla responsabilidade.

Esse compromisso social reestabelece as relações de gênero, nesse caso incorporando a maternidade de tal maneira a não perturbar o masculino. Tal compromisso requer que as mulheres desempenhem um duplo papel, que atuem no local de trabalho e também como responsáveis principais pelos filhos e pela vida doméstica. Em lugar de questionar a expectativa tradicional de que as mulheres assumam a responsabilidade principal pela casa, há um movimento de abandono da crítica ao patriarcado e a tentativa heróica de “fazer tudo”, enquanto se espera apoio do governo nessa tarefa hercúlea. O governo, ao apoiar as mulheres em seu duplo papel, atua para proteger a hegemonia masculina, enquanto a cultura popular massiva

tenta reglamourizar as esposas e mães trabalhadoras, através de estilos pós-feministas de autoajuda, hipersexualidade e capacidade.

Sendo assim, a jovem mulher é convocada, agora, a se provar um sujeito de sucesso nos recentes espaços adquiridos, incorporando novos papéis sem abandonar aqueles tradicionais relacionados à família, ao lar e à beleza, não questionando a inconstante atuação masculina no campo da instituição familiar. A autora destaca que as mulheres assumiram ao mesmo tempo os papéis de dona-de-casa, de profissional que faz carreira e de profissional da beleza e sem perceber, não assumem apenas uma dupla jornada, mas uma tripla quando além da atividade doméstica e do trabalho, elas devem também se dedicar ao à beleza que vem se tornando uma exigência cada vez mais rigorosa.

Em terceiro lugar, há o espaço hipervisível da sexualidade, fertilidade e reprodução, do qual emerge a “garota fálica”, arquétipo ao qual retornarei nos próximos capítulos, que passa a impressão de ter conquistado a igualdade com os homens ao se assemelhar a seus parceiros ao fornecer previamente às mulheres jovens a capacidade de se tornarem “portadoras de falos”, em uma espécie de mimese autorizada de sua contraparte masculina. Isso impede qualquer rearranjo radical das hierarquias de gênero, apesar ou até por causa dessa “pretensa” igualdade, que permite espetáculos de agressão e comportamentos antifemininos por parte das mulheres jovens, aparentemente sem levar às punições de praxe. Mas na adoção do falo não há crítica à hegemonia masculina. Essa menina é uma jovem mulher para quem as liberdades associadas aos prazeres sexuais masculinos não estão só disponíveis, são estimulados e festejados. A ela se solicita estar de acordo com a definição do sexo como um prazer alegre, uma atividade recreativa, como hedonismo, esporte, recompensa e *status*. A luminosidade recai sobre a menina que adota os hábitos associados à masculinidade, inclusive beber muito, falar palavrão, fumar, se envolver em brigas, participar de sexo casual, ser detida pela polícia, consumir pornografia e ir a boates com shows eróticos etc., mas sem abrir mão de ser desejável para os homens; de fato, essa aparente masculinidade potencializa o desejo por ela na economia visual da heterossexualidade.

A cultura de consumo, a imprensa sensacionalista, o setor de revistas de meninas e mulheres, as revistas masculinas e também a televisão popularesca, todos estimulam as jovens mulheres, pretensamente em nome da igualdade sexual, a



reverterem os antigos costumes e imitem os estilos de sexualidade assertivos e hedonistas dos homens jovens.

Esse falicismo feminino é de fato uma provocação ao feminismo, um gesto triunfante de parte do patriarcado ressurgente. A violência que sustenta o reconhecimento da liberdade da garota fálica demanda uma análise mais detalhada. Ao emergir e se mostrar “sempre disposta”, a garota fálica como luminosidade permite certos modos de retrocesso do que se tornou senso comum feminista, e que se torna então objeto de revisão. Sob esse prisma, conseguimos perceber algumas implicações presente nos debates sobre a violência sexual e o estupro, quando se trata, por exemplo, de uma garota que estava tão bêbada que não tem ideia do que realmente aconteceu, ou de outra que concordou em ter sexo com vários homens, mas não esperava ser tratada com violência ou brutalidade. A presença de discursos que foca no comportamento adotado pela moça e não no ato em si é gigantesca e assustadora. É importante, por isso, entender subjetivamente o que está por trás. Ao endossar normas de conduta masculinas no campo da sexualidade, para a mente masculina é como se pudesse ser liberada de qualquer obrigação de refletir sobre seu próprio comportamento e sobre o tratamento dado às mulheres. A garota fálica – por exemplo, a modelo glamourosa que está envelhecendo –, deverá aguentar a hostilidade masculina, agora que já não é tão desejável. A hostilidade do homem jovem para com as mulheres reaparece sem reprovação, sobretudo na comédia e na cultura de massa.

O quarto é o espaço da globalização e especialmente a produção de feminilidades comerciais no mundo em desenvolvimento. A menina global emerge, sobretudo, nas imagens de empresas de moda como a Benetton, e também nas diversas edições de revistas como *Elle*, *Marie Claire*, *Vogue* e *Grazia*, adaptadas para cada país, como emblemáticas do poder e sucesso do multiculturalismo empresarial. Este encara as jovens mulheres, sobretudo as de países do Terceiro Mundo, como entusiastas da participação e do pertencimento a uma espécie de feminilidade global. A modernidade da menina global manifesta-se em suas novas liberdades, capacidade de ganho, a forma com que desfruta e está imersa na cultura da beleza e de massa.

Nesse contrato, a atividade econômica está em foco e a política é empurrada para as margens, para favorecer uma cidadania do consumo. O espaço de atenção que dá vazão à nova figura da menina global espera que ela “compre” estilos ocidentais de feminilidade espetacular como forma de potencializar sua posição na divisão

internacional de trabalho e mostrar sua vontade de ter sucesso, que é acrítica e “sem rancor”.

O novo contrato sexual oferecido às jovens mulheres tem uma espécie de efeito teatral e comunicam a impressão de que elas hoje podem emergir desimpedidas e fazer escolhas sobre como querem viver suas vidas; fazem parecer que as jovens mulheres têm de fato poder. As culturas de consumo que sustentam o vocabulário da “escolha” permitem o eclipse e a fragmentação do campo social. Esse efeito teatral festeja o apetite da jovem pelo trabalho e estimula o consumo espetacular, justificado pela ideia de que ela trabalhou para merecer essas recompensas. Há uma re-estabilização de papéis de gênero nessa orquestração de luminosidades.

### **1.3 Imaginário carioca**

A presente época em que vivemos é percebida como uma das mais libertárias de todos os tempos. Nesse cenário, pode-se dizer que o Rio de Janeiro é considerado a “menina dos olhos” no quesito de emancipação sexual, com toda sua liberdade, autonomia e desprendimento. A cidade litorânea, cosmopolita e sensual por natureza é facilmente associada a um palco de busca de satisfação e liberdade sexual. O espírito no imaginário popular sobre o carioca é de sedução, prazer, liberdade, sexualidade e espontaneidade.

O início do século XX nos aponta uma cidade que passou a oferecer para a mulher novas possibilidades de existência. O Rio de Janeiro enquanto cidade-capital modernizada torna-se espaço que possibilita a emergência de uma nova mulher. Assim, as reflexões em torno de uma imagem sobre a ‘cidade capital elegante’, unida à ideia de mulher moderna e sedutora, apontavam para um conjunto de ideias em torno do feminino que promoviam uma imagem da cidade como uma ‘bela mulher’. Ambas eram fruto da beleza da civilização moderna. (OLIVEIRA, 2004).

Tom Jobim e Vinícius de Moraes immortalizaram a “Garota de Ipanema” como imagem de beleza, juventude e leveza. A menina não toma conhecimento de seus admiradores. É um objeto de desejo, mas não o sujeito do desejo. (SOVIK, 2009)

Até hoje o Rio mantém essa aura de cidade libertária e sensual, desde os primórdios destacando-se por apresentar uma moralidade liberal, em que o comportamento entre os sexos é menos contrito do que no restante do país. Assim, a

imagem de uma cidade sexualizada se impõe (HEILBORN, 1999), mesmo quando não encontra paralelo na realidade experimentada.

Os sociólogos começaram a teorizar uma fase relativamente nova dentro do curso da vida nas sociedades que podemos chamar de idade adulta jovem (GOLDSCHIEDER; WAITE 1991). A idade adulta jovem parece cada vez mais ser um estágio específico do desenvolvimento pessoal e sexual que foi descrito de várias maneiras como pós-adolescência e adolescência tardia. Considera-se que ela caracteriza pessoas na faixa entre os 20 anos e o começo dos 30, que vivem vidas relativamente independentes, mas que ainda não casaram ou tiveram filhos e, como consequência, ainda estão experimentando seus relacionamentos e estilos de vida.

Todavia, não se acredita que esse estágio seja vivenciado da mesma forma por todas as classes sociais e grupos étnicos. É particularmente entre os grupos mais ricos que as pessoas nessa faixa têm tempo para viajar e explorar interesses sexuais, educacionais, políticos e religiosos. (HEATH; CLEAVER, 2003). As pessoas são compreendidas em relação à cultura total da sociedade, mas, se sobrepondo a isso, mais ainda tendo em vista as exigências culturais e particulares determinadas pela posição social que elas ocupam. A classe social exerceria maior influência e determinação cultural do que outros fatores culturais.

Sob esse prisma, seriam os jovens e as jovens cariocas de classe média alta os que vivenciarão, como grupo, maior liberdade de experimentação e desprendimento amoroso, devido à sua bagagem psicológica, educacional, intelectual e do ambiente em que vivem.

## **CAPÍTULO II – SOBRE A SEXUALIDADE**

A construção da sexualidade acontece desde os primeiros anos e continua se estruturando ao longo de toda a existência, sendo influenciada por todos os aspectos e esferas da vida. Tal como qualquer outra atividade humana, como a alimentação e os hábitos de higiene, é uma atividade aprendida. (LOURO, 2008) declara que:

A construção do gênero e da sexualidade dá-se ao longo de toda a vida, continuamente, infindavelmente. Quem tem a primazia nesse processo? Que instâncias e espaços sociais têm o poder de decidir e inscrever em nossos corpos as marcas e as normas que devem ser seguidas? Qualquer resposta cabal e definitiva a tais questões será ingênua e inadequada. A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. (LOURO, 2008, p. 18)

O nascimento da sexologia como ciência (e a realização de estudos importantes de pesquisas científicas por Kinsey, Masters e Johnson) traz a questão da sexualidade para além do determinismo biológico e das definições socioculturais e retrata o conceito de papel sexual, que remete ao modo pelo qual uma pessoa expressa sua identidade sexual e convive bem com ela. (GEZONI, 2011).

Segundo Rangé (2001) o exercício da sexualidade é algo complexo e que envolve a prática dos genitais, experiências de aproximação, transmissão de sensações, entre outros. Implica ainda hábitos adquiridos, atitudes e, sobretudo, significados socialmente aprendidos, relacionados com a história de vida de cada indivíduo e sua maneira de internalizar as normas sociais.

Temos a cultura e a sociedade que exercem um papel profundamente modelador da atividade sexual. Elas podem interferir negativa ou positivamente no desempenho erótico das pessoas, principalmente na mulher, através da repressão disseminada durante séculos e as informações dúbias que vigoram na sociedade.

Pensar sobre a sexualidade debaixo do guarda-chuva dos estudos sociológicos ajuda a esclarecer as formas de interferência da cultura e da sociedade na mesma. Heilborn (2006) teoriza sobre os mecanismos inconscientes, que produzem a subjetividade do indivíduo não só de acordo com a sua individualidade moral e psicologia pessoal, mas muito mais obedecendo aos padrões de comportamento do meio em que cresceu e/ou está inserido. As pessoas seguem papéis dentro de possibilidades dadas pela sociedade. Esta ensina as formas de pensar e agir e até

mesmo introduz formas ou modelos de sentir. Os papéis sociais, então, são representações criadas ao longo da vida, e a todo momento, pelo inconsciente individual perante a análise de regras e padrões coletivos. É complexo diferenciar o que vem, o que de fato nasceu, da psicologia pessoal nata do indivíduo e o que foi introduzido por regras de comportamentos e papéis coletivos.

## **2.1 Padrões de escolha**

A forma como cada cultura considera adequado o uso dos corpos diz respeito às ideias dominantes na sociedade, em cada momento histórico. Os padrões de beleza são bem diferentes e flutuam conceitualmente. É um conjunto de informações históricas e sociais imprecisas que catapulta o que é bonito e/ou desejável. Nos tempos pré-Revolução Francesa, o ideal de beleza feminino era corpulento e roliço, indicação de bonança e riqueza das nobres europeias. Já na década de 60, por exemplo, a mulher *mignon* ganhou vez na sociedade, representada pela modelo Twiggy, símbolo do advento da minissaia. Cada país também tem seus próprios ideais. Nos EUA, é comum a representação da loira de seios fartos e unhas compridas, enquanto em alguns países da África é a mulher de quadris e ancas grandes, indicativo de fertilidade e sinal de que terá muitos e bons filhos. Até mesmo entre gêneros esses conceitos mudam. Boa parte dos homens gosta de corpos de mulheres mais corpulentas ou voluptuosas, enquanto muitas mulheres preferem para si – e para as outras – um corpo magro, fino e seco. Entre os homens, a preferência é muitas vezes uma forma grande e musculosa, indicando força e masculinidade. Já grande parte das mulheres tende a preferir um corpo masculino não tão “violento” visualmente, menos agressivo, forte mas mais natural.

Uma aparência física que não seja considerada bela pode acarretar, tanto em uma mulher como em um homem, consequências importantes em sua forma de expressão da sexualidade. Esse exemplo, apesar de referir-se a um plano individual, demonstra também que há uma apreciação social dos corpos que intervém diretamente sobre as oportunidades relativas ao exercício da sexualidade, tais como a atração exercida sobre outras pessoas, o que possibilita obter parceiros. (HEILBORN, 2006)

O processo que faz os indivíduos aprenderem a sexualidade são guiados pelo sexo anatômico por conceituações de gênero, que orientam a vivência e como expressam o desejo, pautam as emoções e comportamentos.

[...]as pessoas vão sentir atração ou interesse por outras a partir de determinados parâmetros, como, por exemplo, a altura dos homens e mulheres. Michel Bozon (1995) em seu artigo sobre a composição de casais, ressalta que geralmente, quando se pensa em um par, o homem deve ser mais alto que a mulher. Por que é esteticamente inadequado que uma mulher seja mais alta que o homem? Essa formulação expressa uma relação hierárquica de gênero, revelando uma representação de gênero baseado na dominação masculina. (HEILBORN, 2006, P.48)

As escolhas que fazemos ao selecionar ou prospectar nossos possíveis pares não são conscientes. São orientadas por certas regras e roteiros sexuais. O encontro afetivo-sexual começa primeiramente a partir de um julgamento positivo do outro, e eventualmente isto se transforma em sentimento de desejo, de amor, etc. Os julgamentos amorosos são entendimentos básicos e rápidos que se dão baseados em formas de análise informais e como o outro é percebido, o que é leva a uma avaliação do conjunto da pessoa que se tem diante de si.

## **2.2 Sexualidade feminina**

Nas criações artísticas, no que diz respeito à sexualidade feminina e ao erotismo da mulher, as representações ganhavam frequentemente um caráter claramente passivo, como mostrou Hignonnet (1991). As imagens eróticas eram quase sempre realizadas por homens, e esses artistas representavam as mulheres como corpos entregues a um olhar sexualmente possessivo. De forma mais ou menos explícita, a relação erótica entre os dois sexos era retratada como um exercício de submissão feminina ao desejo e à potência masculina.

O prazer das mulheres ainda está ligado em dar prazer ao outro. Muitas referências, informações, aulas e publicidades ainda corroboram e fortalecem a ideia da sexualidade da mulher como um ponto a ser voltado ao homem. Isso só reforça a ideia da objetificação das mulheres durante o sexo. Na cama, elas são objetos de desejo, enquanto os homens são os que desejam.

As mulheres não têm tanta iniciativa e isso tem uma boa parcela de influência cultural, porque ela não se permite ainda tomar a iniciativa, acha que é o homem que deve ou simplesmente está acostumada. Isso é um comportamento subliminar que está no inconsciente, muito influenciado pela perpetuação dos papéis sexuais antagônicos de ativos e passivos.

Elas querem ser femininas, se sentir desejáveis/eróticas, querem estar em forma, só que na verdade não sabem como utilizar o corpo que tanto idealizam, trabalham e

se esforçam para conseguir. Não é um corpo preparado para a atividade sexual. Não solicita determinadas carícias, fica com receio ou vergonha. Frequentemente, a mulher vai aceitando o que vai acontecendo, muitas vezes sem uma participação pessoal.

O surgimento dos movimentos feministas dá início a um período em que a mulher ganha espaço e passa a reivindicar seus direitos de igualdade para com o homem. Por extensão, pleiteia também a sua autonomia e emancipação sexual e seus direitos de usufruir do prazer na esfera do sexo. O momento histórico fez permitir o caminho em direção a um novo momento: o da desrepressão.

Em um contexto de enormes modificações em relação à mulher, Xavier Filha (2003) faz referência às formas como a imprensa relata a sexualidade feminina. Por volta da década de 1950, a sexualidade é tida como essencialmente ligada à reprodução e relacionada ao casamento. E se primeiramente o papel da mulher era de indivíduo reprodutor, na esfera afetivo-sexual seu dever era dar prazer sexual a seu marido, satisfazendo de maneira a manter e cumprir as “obrigações” femininas do matrimônio. Com a explosão do movimento feminista, com a chegada da pílula contraceptiva e novos métodos, teve início uma maior independência sexual e as mulheres foram liberadas para ter autonomia sobre a maternidade e fazer escolhas conscientes. Este período que emerge emplaca nos anos 1970 e até na mídia encontram-se produções e artigos que se referem à sexualidade da mulher. Em meados da década, o discurso sobre o tema adquire novo sentido. As mulheres deveriam deixar sua condição construída como assexuada e ir em busca de orgasmos múltiplos, como um ser confiante, seguro de si e que exige com urgência seus direitos sexuais. Introduziu-se também o direito à masturbação, que também denominaram como auto-erotismo. Se tempos antes a sociedade cerceava, reprimia e continha a sexualidade feminina, tem princípio um momento de incentivo e estímulo ao prazer sexual da mulher, trazendo consigo até uma cobrança de um bom desempenho e alta performance. (XAVIER FILHA, 2005)

As escolas são instituições sociais que deixam marcas de seus ensinamentos e, mesmo promovendo assuntos, temas e discussões tempos antes impensadas, como as formas de contracepção, ainda continuam usando as informações de base biológica como principal referência. Dessa forma, a educação sexual é permeada pela repressão. Os ensinamentos se baseiam e se referem às técnicas biológicas (ovulação, fecundação, entre outros) e não abordam o campo do desejo e as noções

de prazer. (BERNARDI, 1985) A repressão ainda se mantém por um lado, e, ao mesmo tempo, por outro lado, começou-se a exigir e cobrar atributos inovadores, de forma que o prazer sexual começa a ser uma cobrança à mulher. Persistindo a carência de informação sobre seu corpo e ainda possuindo tabus e mitos sobre sexo, a mulher agora enxerga na obrigatoriedade de desempenho um motivo que gera ansiedade, que é por sua vez uma razão de inibição.

Desta maneira, com a desrepressão, encontramos um jeito novo de repressão. Segundo Bernardi (1985), como as orientações e inclinações de base em nada mudaram, a desrepressão é falaciosa. Heilborn (2006) traz para a discussão o posicionamento defendido por Michel Bozon, que defende que a revolução no campo da sexualidade é idealizada e falsa, não tendo existido uma alguma mudança violenta o suficiente para mudar o exercício da sexualidade. Os indivíduos acreditam que houve uma revolução sexual, em relação à liberalização de determinados códigos e comportamentos mais restritos das condutas, principalmente os do sexo feminino, e a uma maior liberdade em tratar em público questões referentes à sexualidade. O gênero e a alteridade nas relações entre homens e mulheres continuam agindo como poderosas formas de organização da maneira que as atividades sexuais se desenrolam e também da capacidade entre os parceiros de negociar em relação ao que acontece em um intercurso sexual.

Podemos situar teoricamente a emergência do conceito de scripts sexuais, de John Gagnon e Simon William (1973), nas interações simbólicas e na importância dada à interação social, enquanto forma de produzir significados para comportamento sexual. Para os autores, mesmo que estejam reunidos os elementos que tipicamente compõem uma cena sexual, a probabilidade de que algo de sexual aconteça permanece extremamente baixa até que um ou ambos os atores organizem esses comportamentos num script apropriado. Isto significa que é necessário que os atores atribuam um significado aos diversos elementos presentes, para que uma cena seja efetivamente definida (e criada) como sexual. Para além disso, a própria ordem dos acontecimentos é portadora de um significado, próprio de universo cultural, que é conhecido e posto em prática pelos atores. Eles argumentam que todas as experiências e vivências sexuais são formadas como scripts sexuais, isto é, foram apreendidas, sistematizadas e inseridas na consciência, e estruturaram-se e elaboraram-se como relatos.



Os scripts podem ser definidos em três tipos: os intrapsíquicos, os interpessoais e os culturais, que se apresentam respectivamente no plano subjetivo da existência psicológica, no plano da organização dos contatos e trocas sociais e no plano dos princípios culturais mais gerais ou conjunturas culturais, e funcionam como estruturas de interpretação. Os scripts culturais têm o papel estruturador dentro do imaginário sexual dos indivíduos, dos grupos e para os relacionamentos. Pode-se dizer que o principal objetivo da estruturação dos scripts é colocar a sexualidade dentro de um cenário de dramaturgia. Usando essa metáfora, na medida em que considera a sexualidade como o produto de uma sequência de eventos através dos quais são obtidos resultados (excitação, desejo e sua realização), são ultrapassadas diversas etapas numa ordem determinada e respeitando as regras de um ambiente socialmente estruturado (composto por cenários e atores para os quais estão definidos papéis). (POLICARPO, 2011)

Trindade e Ferreira (2008) defendem que o movimento de emancipação feminina foi uma conquista enorme e importante, mas trouxe, também, consequências como a dupla jornada de trabalho (emprego, casa e filhos), e que toda esse peso acaba trazendo efeitos para a saúde física, mental e emocional da mulher, afetando por vezes a sua sexualidade.

Um estudo publicado recentemente no periódico científico *Archives of Sexual Behavior* (2017) mostra que grupo que menos chega ao orgasmo é o de mulheres heterossexuais: somente 65% das vezes que mantém relações. Em primeiro lugar estão os homens heterossexuais com 95%, seguidos pelos homens gays (89%), os homens bissexuais (88%), as lésbicas (86%) e as mulheres bissexuais (66%).

Em pesquisa realizada por (Abdo et al. 2002) concluiu que, para as mulheres, "carinho/afeto" bem como "respeito mútuo" são os fatores com maior importância num relacionamento sexual, enquanto que, para os homens, "atração física" e "beleza física", bem como "experiência", foram considerados como mais importantes. Nessa análise, foi constatado que as jovens mulheres têm uma preocupação enorme em satisfazer o parceiro durante o sexo e, agindo assim, elas acabam por negar sua própria satisfação sexual ou nem a sentir, com o objetivo de manter o relacionamento. Para essa parcela de mulheres, outras formas de satisfação entram no lugar e substituem a satisfação sexual, como, por exemplo, a existência e a preservação de um relacionamento afetivo, a satisfação sexual do par ou puramente a existência de um parceiro. Essas jovens relacionam a conservação de um relacionamento amoroso

e a existência de um parceiro à sua noção de satisfação, inclusive, sexual. Conseqüentemente, preocupam-se mais com o prazer de seu companheiro do que com sua própria satisfação e a realização de sua sexualidade com plenitude.

### **2.3 Sexualidade brasileira na fantasia popular**

É senso comum considerar, fazendo uma generalização, que brasileiros e brasileiras são muito desinibidos, "fogosos", calorosos e estão sempre prontos e dispostos a fazer de tudo entre quatro paredes. É como se o Brasil fosse um tipo de paraíso sexual. Essa noção data lá de trás e foi construída ao longo da História: trata-se de uma imagem do país que remonta à ideia de que, quando desembarcaram aqui, os portugueses descobriram indígenas que viviam sem roupa e sem aparente religião. Segundo alguns relatos, o Brasil-colônia era uma terra "sem rei e sem lei", com costumes como, por exemplo, o das tribos Tupi (da região costeira), de homens oferecerem suas mulheres a forasteiros como prova de reciprocidade, o que causava estranhamento e choque aos europeus. (HOLANDA, 1972)

A ideologia da nacionalidade brasileira se apoia também na ideia da mistura étnica entre as três raças. A noção de que a sensualidade é fruto dessas raízes é fortalecida nesse período e aberta e vigorosamente expressa no mito da sexualidade desinibida dos brasileiros.

A miscigenação do branco com indígenas e negros é considerada responsável na cultura brasileira pelos componentes de espontaneidade, afetividade, sensualidade e da habilidade corporal para o samba e o futebol, bem como para uma moralidade sexual flexível. (HEILBORN, 2006)

Essa crença também está presente na promoção de vários tipos de publicidade do Brasil, nas propagandas de turismo, que divulgam, por exemplo, a figura da mulata: uma mulher sexualmente muito liberada, "calorosa" e com muito "fogo". A publicidade difunde uma imagem de um país no qual as pessoas andam quase nuas nas praias, com mulatas, de modo que há uma associação entre as imagens do carnaval com as de paraíso sexual.

Mas será que essa imagem, tão comercializada e estimulada no mundo e mesmo em nosso próprio país, corresponde à realidade? As mulheres brasileiras, principalmente as jovens, são tão liberais sexualmente e "fogosas", quanto o que é

dito e vendido? Estarão elas satisfeitas em sua vida sexual, bem como totalmente conscientes de seu corpo e seus desejos sexuais?

Os jovens são associados frequentemente à comportamentos transgressores e rebeldes, e tem assim como sua principal característica a ambiguidade. Outra particularidade ligada a este período da vida é a procura pela sua própria identidade que está atrelada à necessidade dos jovens de usar formas de se expressar diferentes do restante da sociedade. Para tanto os jovens determinaram suas formas próprias de representação performática. Dentro delas, o uso do corpo atua como afirmação de sua identidade e como maneira de se enquadrar nesse ou naquele grupo performático durante esse período de transição, também remetendo às influências que a era virtual promove no que concerne a estas culturas da juventude. (PAIS, 2006).

Na juventude, os indivíduos estão mais propensos a vivenciar experiências (relações sexuais, afetivas, de trabalho) e explorar sua identidade a fim de desenvolver seus padrões de comportamento. Determinadas características individuais podem ter relação com a prática frequente de sexo casual, como é o caso da busca por sensações. Segundo Zuckerman & Kuhlman (2000) é considerado um aspecto de personalidade que influencia aberta e diretamente na tomada de decisão do indivíduo, que frequentemente é feita baseada na emoção e envolve necessariamente um alto elemento de risco. Dentro do leque de busca de sensações, está inserida a busca de sensações sexuais e está relacionada à necessidade de ir à procura de novas experiências, complexas e varias, de forma a ampliar as sensações sexuais mesmo correndo riscos físicos e sociais. (ZUCKERMAN & KUHLMAN , 2000)

Junqueira (2017) mostra também que os conceitos de “ficar” e “pegar” também possuem grandes marcadores de gênero, de acordo com a compreensão dos jovens desses atos, e que se mostra, em suma, pelos mesmos moldes: aos garotos cabe o “ficar somente pelo ficar”, e com as garotas, o “ficar” vem como meio de experimentar para que possa encontrar o par ideal; o “namorar” é, ou deveria ser, uma consequência do “ficar”:

Os meninos, por exemplo, se deixam tomar, mais do que as meninas, pelo desafio numérico dessa prática. Para eles, a “essência” do ficar é dada pela regência competitiva e pela ideia do desafio travado entre meninos. [...] Como nos diz Fabiano, “a mulher sempre tem a expectativa de encontrar algo mais na boate, e o cara, não” (JUNQUEIRA, 2017, p.6)

Em *Psicologia do Coquetismo* (1993), Simmel aborda as relações eróticas entre homem e mulher. O coquetismo é um modo de interação entre os sexos, adequada ao feminino, e um domínio sobre o qual elas têm competência, justamente por empregar o jogo entre ter e não ter, oferta e recusa como um fim em si. A arte do coquetismo conduz o erotismo à sua mais pura expressão do jogo entre alma feminina e masculina. O jogo da coquete, que é também o jogo histérico, é, simultaneamente, se dar sem se dar, sem produzir um resultado definitivo.

Tanto garotas quanto garotos tomam iniciativas, ainda que isso seja, em comum, mais associado ao comportamento masculino. No entanto, isso ocorre de formas diferentes e não comparativas. Mesmo quando a sedução parte de ambas as direções, o modo pela qual ela ocorre difere segundo o gênero. Schuch (2002), ao analisar o comportamento de jovens universitários em uma casa noturna de Porto Alegre, afirma que há uma divisão de papéis de gênero no processo de sedução, embora perbece que não há uma total passividade feminina. Cabe à mulher ficar envolvendo o parceiro através de olhares, gestos, sorrisos e sua dança – é ela quem chama, convida o parceiro a participar do jogo, tendo o papel de sua aceitação ou recusa. Por sua vez, o homem se aproxima e conversa, mostrando seu interesse através de palavras e, eventualmente, beijar.

Isso sem dúvidas romantiza a ideia da mulher que seduz pela provocação e privação, por não se entregar, por resistir, e assim, se tornar irresistível. É uma visão que se mostra presente e é bastante problemática e confusa para se oferecer às jovens mulheres que querem, e devem ter, oportunidades iguais de demonstrarem seus interesses e terem prazer, sem “jogos”.

Ainda que para ambos, essas espécies de relações venham se tornando uma possibilidade, de certa forma, espontânea para a iniciação e experimentação dos jogos afetivos e sexuais na juventude, persistem os códigos restritivos, preconceitos e interdições

Há uma categorização de gênero que marca fortemente a cultura sexual brasileira. Ela reserva qualidades e atitudes para cada um dos sexos em campos que contrastam. Com isso, os ideais de feminino e masculino são colocados como opostos por natureza, cabendo aos homens fortalecer sua reputação, e isso recai sobre o ato sexual e como ele se dá, sendo deles o papel de ativo na relação, o de “saber fazer”. Por outro lado, para as garotas, cabem atitudes passivas, a espera e a ideia do amor

romântico. Sugere-se às garotas delicadeza, cuidados com a beleza, resguardo e discrição, entre outros procedimentos que podem ser associados à passividade, à reserva e à contenção de seus desejos e práticas relacionadas à sexualidade. Aos garotos, no entanto, sugere-se intrepidez, experimentação, atitude despojada, desinibição para investir em tais práticas, como se a eles coubesse obrigatoriamente a necessidade de comprovação da sua masculinidade, a partir de um posicionamento ativo frente à sexualidade. (HEILBORN, 2006).

#### **2.4 Garotas fálicas: liberdade ou novas formas de repressão?**

É possível dizer que as práticas afetivo-sexuais desempenhadas por jovens mulheres e homens persistem sendo normatizadas tanto relativamente à sexualidade feminina, quanto à masculina, sendo importante referir o quanto o padrão masculino é tomado como norma para definir quais são as práticas femininas legítimas/adequadas/aceitáveis. Que os rapazes sejam sexualmente ativos, “donos” e executores de seus desejos é um pensamento compartilhado por vários grupos de jovens, aonde a máxima em vigor é “quanto mais “pegar”, mais homem é e mais valor terá”. (MEIRELLES, 2011)

Cabe ressaltar, no entanto, que não se trata de considerar existir nestas relações um oprimido e um opressor, mas sim de indicar que ocorrem formas de disputas de poder. Identifico também que a noção de “ser homem” aumenta ou diminui relativamente a uma distância ou aproximação do que é considerado “ser mulher”. Em outras palavras, se sentiria “mais homem” aquele que mais se distancia dos comportamentos ou práticas tidas como “de mulher”.

As mulheres começaram a ocupar espaços antes hegemonicamente masculinos ao longo do tempo.

No decorrer do tempo, as mulheres começaram a ocupar espaços que antes eram hegemonicamente masculinos. No entanto, o posicionamento das jovens mulheres na contemporaneidade pode indicar uma corroboração do sistema de poder vigente. Não ocorrem necessariamente retrocessos ou perdas, mas sim uma transformação que vai de encontro muito mais a uma opressão do que à liberdade feminina de fato. McRobbie (2006), então, enxerga o pós-feminismo como um processo ativo pelo qual os ganhos feministas das décadas de 1970 e 1980 estão debilitados. Se há a necessidade de dizer que existe um pós-feminismo, pressupõe-se que o feminismo já

cumpriu sua missão e a igualdade está alcançada. Então um arranjo de maquinações, elementos da cultura popular contemporânea, “são perniciosamente efetivos no apagamento do feminismo, mesmo que simultaneamente aparentem estar engajados em uma bem informada e até mesmo bem intencionada resposta ao ‘feminismo’”.

Isso vem muito com o apoio das bandeiras de escolha e liberdade que agora estão inerentemente conectadas com as jovens. O feminismo aparente redundante para muitas delas, que dele mantêm uma certa distância em espaços públicos simbólicos, pelo tanto pelo bem social como também pelo reconhecimento sexual.

Elementos mais “aceitáveis” são reconstituídos, como uma nova possibilidade de independência financeira, o direito de beber, fumar, circular pela cidade e se divertir nas ruas e a liberdade sexual. Já mencionada, a mulher adquire uma opção de faceta que McRobbie chama de garota fálica. É que a que adota comportamentos geralmente relacionados à masculinidade, como falar palavrão, beber, ser engraçada, sair até tarde, praticar sexo casual, etc. sem, contudo, abrir mão de ser atraente. Essa aparente “masculinidade”, inclusive, pode aumentar o desejo sobre ela e seu valor no mercado amoroso.

Uma possível explicação para isso seria que a sociedade valoriza as características tidas como “masculinas” como um todo. A mulher não pode ser machista, mas sim reproduzir machismo. A suposta igualdade adquirida faz com que as mulheres incorporem comportamentos masculinos de modo grosseiro e agressivo, fazendo-as reproduzir condutas, não raro, machistas e sexistas.

Reestabilizando as relações de gênero, mas passando por cima de uma possível crítica à hegemonia masculina, é possível que essa garota conquiste a igualdade com os homens, contudo, se na semelhança com eles não deixar de ser objeto de desejo. Sai de cena o discurso do “sexo só depois do casamento” de antigamente, e entra em jogo um estímulo, e até pressão, sobre a sexualidade feminina nessa suposta liberdade para que esteja sempre disponível.

McRobbie ainda fala que essa nova mulher já é confiante o suficiente para reconhecer suas ansiedades sobre um eventual fracasso em encontrar um parceiro fixo/marido e também aproveita despididamente sua sexualidade sem medo dentro dos padrões homem-mulher. Entretanto, esta liberdade obtida irá impor ainda mais responsabilidades às atitudes femininas, sem que os homens sintem necessariamente a preocupação de refletir sobre seu comportamento e tratamento dispensado às mulheres. Endossando normas de conduta masculina, a garota fálica,

sem culpa, atua simbolicamente na cabeça dos homens como um aval feminino de normalidade. Eles estarão agora mais livres para fazer o que sempre fizeram e com o acréscimo de não lhes sentirem atribuída culpa alguma, com uma espécie de falsa consciência limpa. Portanto, a hierarquia sexual não apenas é mantida como é enfatizada.

## **2.5 O mistério feminino e a mulher perigosa**

Freud desenvolve o pensamento de que a ascensão de uma identidade dita feminina estaria relacionada a uma “passivização” dos elementos ativos de sua sexualidade, e isso, portanto, transforma o masoquismo como uma possibilidade inscrita nesse sistema. Ao colocar a feminilidade como uma experiência primária, sendo um tipo de condição de possibilidade para o processo de criação da subjetividade dos indivíduos enquanto sujeitos sexuados, Freud joga luz para que se pense o masoquismo como a face negra da feminilidade, como uma tentativa desesperada do sujeito de fugir à experiência dolorosa de desamparo quando este se torna insuportável. (ALEXIM, 2000)

Hélène Deutsch (1953) foi uma de suas discípulas que mais contribuiu de forma contundente para a permanência desse tipo de articulação. Ela acreditava, por exemplo que o masoquismo da mulher estaria numa dependência direta da diferença anatômica entre os sexos, já que considerava que a ausência de um órgão ativo, o pênis, levaria a uma orientação da libido em direção à passividade e ao masoquismo. Considerava também que algum grau de masoquismo tornaria-se necessário à mulher como preparo psicológico, não só dentro da realidade sexual, como a posição passiva no coito e a perda da virgindade, mas também para a vivência dos sofrimentos do trabalho de parto, o que tornaria o masoquismo favorável à sua adaptação à realidade.

Para Freud a vida erótica das mulheres, tanto nos mitos quanto nas fantasias infantis, seria pensada como um contraste entre reserva e a sedução, entre uma ternura delicada e uma sexualidade implacável, exigente, que pode destruir o homem.

Em *Contribuições à psicologia do amor* (1912), ele ressalta a importância dos modelos femininos comumente observáveis na fantasia masculina. De um lado a mãe, símbolo da pureza, de outro a prostituta, representante da possibilidade do desregramento sexual das mulheres e, portanto, de uma sexualidade poderosa. É aí que reside uma espécie de enigma feminino para o homem: o fato de na imaginação

masculina coexistirem uma feminilidade bondosa, passiva, amorosa, castrada, masoquista, de um lado, e a mulher destruidora, potente, fálica, castradora, sádica, de outro. É uma força que pode gerar tanto o bem quanto o mal, e a mulher passa a ser vista como o sexo que pode assumir qualquer posição, que pode ser qualquer coisa. (ALEXIM, 2000)

## **2.6 Ansiedade feminina**

Podemos perceber que mesmo com a existência da quebra de alguns padrões e incentivo à liberação da sexualidade feminina para a buscar a satisfação livre de culpas, fatores sociais e psicológicos continuam agindo como amarrar, intermediando esta relação e trazendo-lhe obstáculos para um desempenho satisfatório, desempenho este que não traga culpa e nem obrigação. (GEZONI, 2011)

Na contemporaneidade, a mulher no exercício da sua plena sexualidade, sofre por duas razões: se por um lado há um grande estímulo, que carrega consigo a percepção angustiante de prazer sexual como obrigação, de outro ainda há todo um contexto histórico muito forte e presente de repressão, onde o passado deixou traços impressas no modo de viver a sexualidade, que não podem ser apagadas de um dia para o outro.

O aumento da liberdade e do direito ao prazer para as mulheres convive com uma constante pressão para o autocuidado e autoaprimoramento, principalmente no que diz respeito aos aos padrões de beleza e de comportamento que, ainda que sejam diferentes dos esperados em outras épocas e contextos, também podem ser psicologicamente pesados.



## **CAPÍTULO III – SEXUALIDADE FEMININA: DISCURSO X PRÁTICA**

Nesse capítulo, serão comparados discursos e práticas sobre a sexualidade, mostrando as diferenças entre os papéis de gênero e comportamentos masculinos e femininos. Sob esses temas, abordaremos o conceito do “sexy”, práticas de sexo casual e satisfação sexual.

### **3.1 Novos valores, mesmos pensamentos: diferença de comportamento e visão entre gêneros – Psicologia social.**

Há 30 anos, estudos de Laetitia Peplau, Zick Rubin e Charles Hill (1977) mostraram como a manutenção dos papéis sexuais ativo/passivo proporcionava diretrizes familiares e compreensíveis nas interações homem-mulher. Já que tanto o homem quanto a mulher têm a intenção de tornar a interação inicial agradável e confortável, algum chamado “comportamento de risco” era geralmente evitado.

Ao pesquisar entre adolescentes, Jablonski e Carneiro (2005) percebem a visão depreciada que se tem de uma mulher que “fica” ou tem relações sexuais com várias pessoas, enquanto o homem em situação similar é valorizado; além disso, os adolescentes fizeram comentários sobre a posição feminina de esperar a iniciativa masculina, para não ser “mal vista” por outros indivíduos. Os adolescentes utilizam um código de relacionamento atual, contudo, aparentam ter herdado parâmetros tradicionais conservadores, fruto de uma sociedade cuja diferenciação dos gêneros na maioria das vezes privilegia o homem, a quem é permitido certas coisas que desvalorizariam a mulher.

Em pesquisa entre jovens sobre práticas afetivas e representações de amor e sexualidade, Paula Pinhal de Carlos (2011) nota a diferença de uso e de marca de gênero sobre “ficar” e “pegar”. Embora tenham mencionado igualmente a prática do “pegar”, quando perguntados sobre o assunto, há uma forte diferença no uso dessa expressão, associado ao gênero. Encarnando no ato “pegar” a os aspectos instantâneos e descartáveis dos relacionamentos juvenis, embora peguem, garotas fazem mais uso da expressão “ficar”, o que é justificado inclusive pelo machismo e à pouca consideração que os homens teriam em relação às mulheres.

Essa maior associação do “pegar” aos meninos tem a ver com as representações relacionados ao masculino e ao feminino. Bozon (2005), quando aborda as evoluções da sexualidade e a impressão da liberação do sexo feminino, argumenta sobre uma tensão entre desejo e afetividade, que geralmente é considerada como uma divisão sólida do masculino e do feminino. Ainda que analisemos as práticas do “pegar” e do “ficar” enquanto práticas em vários aspectos instáveis e fluidas, essa divisão também está evidente, no momento em que se verifica, na fala dos interlocutores que, geralmente, quem pega são os meninos. O “ficar”, prática na qual está presente uma maior carga de afetividade do que o “pegar”, pode ser associado a meninas e meninos, enquanto o “pegar”, prática na qual o desejo seria mais presente do que a afetividade, seria algo mais restrito aos meninos ou “meninas saidinhas”. [CARLOS, 2011]

Tanto na pesquisa de Jablonski e Carneiro, quanto na de Peplau, Rubin e Hill, e na de Pinhal de Carlos, encontramos a perpetuação de certos modelos de comportamento, que não se renovam. Mesmo com movimentos sociais democráticos de direito, tão cíclicos quanto variados (para citar alguns: as três ondas feministas, as reivindicações das Diretas Já e o processo de globalização), os modelos e formas relacionais se perpetuam. As diferenças no comportamento sexual de homens e mulheres se mantêm apesar das mudanças nas atitudes sobre o valor dos papéis tradicionais de cada um, e a noção de silenciosos “comportamentos de risco”, que devem ser evitados, se reforma. O objeto é tornar as diretrizes dos comportamentos e práticas sexuais facilmente compreensíveis e claros, então é a dificuldade de renovação do “bom e velho” jogo de conquista e sedução, ativo/passivo, feminino x masculino torna-se evidente.

Na mesma pesquisa, Paula Pinhal (2011) prova que as meninas ainda se preocupam com uma possível “fama de galinha”, mas parecem haver exceções. Algumas mencionam que acontece muito de saírem para lugares onde ninguém as conhece e “ficar” com todos que tiverem vontade, já que no ambiente em que vivem são recriminadas se o fizerem. Aparentemente, o maior problema de “ficar” com muitos, ou ficar com mais de um de uma mesma turma, era que poderiam “ficar mal faladas”. Existiriam algumas excludentes como o Carnaval, micaretas ou grandes festivais. Essa maneira de se comportar também se encaixa no que Maria Almeida (2006) denomina de lugares que detêm uma prerrogativa de “liberação total”, o que gera algumas diferenças de comportamento por parte dos mesmos jovens, dependendo do espaço no qual se encontram. O mais interessante é notar que, dessa

forma, a suposta “fama” não parece advir do ato em si, da prática de “ficar” com vários meninos, mas que sera ou não atribuída dependendo das pessoas com quem se fica e do local no qual se faz isso. O “fazer escondido”, nesse caso, não advém de uma condenação da atitude, e sim de um medo de julgamento e recriminação alheia entre seus pares, no ambiente em que se convive e se socializa.

Em um estudo com jovens de Brasília, D’Amorim (1997) obteve resultados que diferiam bastante do que era esperado, frente às discussões acerca da posição social do sexo feminino e da sua liberação sexual, apresentados, praticamente diariamente, pelos inúmeros meios de comunicação. Poderia-se esperar que, nestas circunstâncias, as atitudes de meninos e meninas no campo das relações sexuais fossem bem parecidas, senão iguais. Entretanto, diferenças significativas entre garotos e garotas foram encontradas pela autora, sendo elas ainda bastante cautelosas em suas atitudes, permeadas por certo grau de conservadorismo. Houve o aparecimento, de forma clara, de uma preocupação com as opiniões de amigos e familiares, afetando as previsões feitas anteriormente pelo modelo teórico. Uma correlação positiva, não prevista, entre os fatores “atitude” e “norma subjetiva” revela que, para as meninas, uma das consequências importantes deste tipo de comportamento, é a de “ficar falada”, e ser julgada e reprovada, não só pelos pais, mas pelos amigos. (D’AMORIM , 1997)

Falcke e Zordan (2010) fazem uma perspicaz análise dos relacionamentos afetivo-sexuais na pós-modernidade, através da análise dos meios de comunicação de massa, observando que as revistas femininas e masculinas brasileiras veiculam mensagens contraditórias. Para o público feminino, reforçam a composição de uma relação que uma sexo ao amor e, para a audiência masculina, destacam a variedade e a excitação em detrimento do compromisso. Dessa maneira, reforçam os antigos e tradicionais estereótipos de papéis que associam a mulher à procura pelo casamento e o desejo pelo sexo atrelado ao amor, e, por outro lado, atribui ao homem a busca pela experimentação e do sexo sem compromisso. (CARNEIRO; JABLONSKI, 2005)

Na análise de uma revista popular neo-zelandesa, Allen (2003) observa os conselhos para excitar mulheres: gestos românticos, comunicação, afeto não solicitado e tempo de qualidade com o parceiro; para os homens: literatura/arte erótica, pornografia, sexo diversificado, lingerie e nudez feminina. A construção da sexualidade de homens e mulheres é aqui dicotomizada, com mulheres sem desejo

erótico, e homens sem desejos psicológicos e emocionais. No estudo realizado, é sugerido que para as pessoas jovens estudadas a noção de que mulheres só querem amor e homens preferem sexo seja ultrapassada. (ALLEN, 2003)

É fato que os meios de comunicação se apropriam dos desejos. Eles são capturados ou, ao menos, capturáveis. Somos produto de uma história social e cultural em que as mídias de massa são um importante vetor. É complexo triar o que é desejo genuíno e o que foi “capturado” pelos padrões da publicidade. Mas é fato que homens e mulheres são indivíduos únicos, com aspirações e vontades muito particulares, e a generalização “mulheres só querem amor e homens preferem sexo” é desconexa da realidade do ponto de vista do desejo primordial de cada ser humano, mas a perpetuação de certos padrões de desejo, tanto em homens como em mulheres, está certamente ligado aos aspectos culturais, sociais e psicológicos da sexualidade, não apenas uma necessidade física.

A dominação masculina que vivemos também se reflete na publicidade e propaganda, obrigando várias vezes as mulheres a ficarem em um permanente estado de insegurança em relação a seu corpo. Sua existência é, inicialmente, pensada para ser vista pelo outro e para o olhar do outro, ou seja, elas existem sob o conceito de objetos atraentes, receptivos, disponíveis. (BOURDIEU, 1999)

Michel Bozon defende a tese de que a revolução sexual é uma farsa e prefere falar da passagem de uma sexualidade construída pelos controles e disciplinas externas aos indivíduos a uma sexualidade que se encontra sob disciplinas internas. O que ocorre, na realidade, não se trata de uma libertação, mas sim de uma interiorização e de uma aplicação mais profunda das exigências sociais. As mudanças devem ser consideradas mais como uma forma de individualização do que uma emancipação. Os controles não deixam de existir, eles apenas se interiorizam. O indivíduo, assim, estabelece ele mesmo suas normas e coerências íntimas, ao mesmo tempo em que continua sendo julgado socialmente.

Em conversas casuais e em pesquisas casuais de fórum onde as pessoas discutem “sexo ruim” sugerem-se que os homens tendem a usar o termo para descrever um parceiro passivo ou uma experiência chata. Porém, quando grande parte das mulheres fala sobre o tal “sexo ruim”, elas costumam relacionar o significado disso à coerção, ao desconforto e constrangimento emocional ou, ainda com mais frequência, dor física.

Em relação a esse “mau sexo”, a professora Sara McClelland, da Universidade de Michigan, foi uma das pouquíssimas acadêmicas que realizou um trabalho apurado e rigoroso sobre essa questão em “Intimate Justice: Sexual satisfaction in Young adults”. Ela desvendou, no decorrer de sua pesquisa, como homens e mulheres na faixa da juventude classificam o termo “satisfação sexual”:

Embora as mulheres imaginassem o potencial de sentimentos extremamente negativos e o potencial de dor, os homens imaginavam que representava o potencial de resultados sexuais menos satisfatórios, mas nunca imaginavam resultados nocivos ou prejudiciais para si mesmos. (MCLELLAND, 2014, p. 1011)

Homens e mulheres possuem escalas de classificação totalmente diferentes. Em matéria do que e do quanto algo é considerado sexo ruim principalmente. Uma nota 8 em uma escala de um homem é equivalente a uma nota 1 em uma mesma escala de uma mulher. Essa espécie de tendência para que o sexo masculino e o sexo feminino usem o mesmo termo — sexo ruim — para caracterizar experiências e vivências que um observador objetivo descreveria como muitos diferentes é a outra face de um fenômeno conhecido da Psicologia Social que se chama “privação relativa”. Essa ocorrência é denominada de ‘relativa’ porque aparece precisamente ao fazermos comparação entre a situação de indivíduos ou grupos de referência. Neste fenômeno psicológico, é explicado que grupos sem proteção ou pertencentes às minorias foram treinados durante a vida inteira para esperar pouco de determinadas situações. Conseqüentemente a isso, eles tendem, paradoxalmente, a reportar os mesmos níveis de satisfação que os seus parceiros mais privilegiados e bem melhor tratados. (MCLELLAND, 2014)

A forma que as mulheres são socializadas as torna pré-dispostas a se sentirem desconfortáveis na maior parte das vezes. E a principalmente ignorar o desconforto. Uma das possibilidades é que, por exemplo, as mulheres finjam que chegaram ao orgasmo porque elas mesmas também esperavam e contavam com algum prazer. Se por acaso parece que isto não está acontecendo, elas simplesmente se engajam para fazer aquilo para que foram treinadas. E elas foram simbolicamente ensinadas a serem tolerantes com o desconforto e de alguma maneira encontrar seu prazer no prazer da outra parte envolvida, se as condições sociais exigirem.

É bastante comum que as meninas ouçam elogios quando são crianças sobre como são bonitas. Portanto, elas aprendem que uma grande parte do seu valor social

reside em o quanto os outros gostam de olhar para elas, o quanto agrada ao olhar dos outros. Essas garotas são educadas de forma a ter prazer no prazer de outras pessoas em relação sua aparência. De fato, essa se torna uma das principais maneiras de entenderem-se como seres detentores de valor e de serem socialmente recompensadas.

Fingir um orgasmo também consegue outro tipo de coisa: pode encorajar o homem a terminar, o que significa que a eventual dor ou desconforto que a mulher tenha possa finalmente parar. Isso a faz sentir bem e é uma forma de poupar seus sentimentos. Se ser um bom amante significa fazer a outra pessoa se sentir bem, então ela também foi vitoriosa nesse aspecto.

Socializadas a evitar o confronto, um dos efeitos secundários de ensinar um gênero a terceirizar seu prazer para um terceiro, e suportar coisas em demasia no processo, é que eles vão ser pobres analistas de seu próprio desconforto, que eles têm sido ensinados a ignorar.

### 3.2 Sexy x sexual

Em artigo no seu blog em 2014, Clarissa Wolf analisa a emergência da já mencionada garota fálica, mas focando em outra questão: a construção da sensualidade. A atual geração define e defende que a mulher prove o quão liberada é sexualmente diante da sociedade. Ela aborda que, para se adequar, muitas mulheres reproduzem comportamentos como: “ah, eu só tenho amigos homens, mulher é muito dramática” e “eu odeio discutir a relação” e “eu curto sexo casual” e “claro que eu amo pornografia!”. Essa “liberdade sexual” imaginária é apenas uma maneira de nos colocar dentro de um novo papel pré-definido em que devemos agir de determinadas maneiras e seguir um certo comportamento para receber aceitação masculina. Essas garotas internalizam a objetificação de si mesmas, e confundem com uma espécie de liberação sexual o que é, na verdade, só mais uma nova forma de aprisionamento. Ela transcreve uma entrevista de Jane Fonda em que esta aborda astutamente uma diferenciação entre *cool girls* e *normal girls*:

“*Cool girls* não se importam com as mesmas coisas que *normal girls*. Elas não se sentem atoladas pelo patriarcado e nem se preocupam com seu peso. Elas são basicamente caras, mas mascaradas em lindos corpos femininos, aproveitando os privilégios dos dois. Mas vamos deixar uma coisa clara: é atuação. Pode não ser consciente, mas é a forma que a nossa sociedade ensina uma menina a ser legal: relaxe, não incomode, aja como um cara, mas pareça uma super modelo” (WOLFF, 2015)

É naturalmente e sem dúvidas empoderador, pois há maior ganho de poder quando se joga as regras do jogo. Mas é necessário reiterar que não é empoderador como mulher, e sim como componente do patriarcado. A jornalista Ariel Levy publicou um livro chamado “Female Chauvinist Pigs: Women and the Rise of Raunch Culture” (2005), em que examina essas questões e critica o mundo super sexualizado em que as mulheres são objetificadas, objetificam seus pares do mesmo sexo e são estimuladas a se objetificarem. É a concepção de que a sexualidade das mulheres é sobre performance e exibição, e não sobre prazer. Ela argumenta que é comum as mulheres participarem de atividades relacionadas ao sexo que não expressam seus desejos e vontades individuais, porém são designadas para tornarem essa mulher sexy e desejada ou pra desencadearem prazer para o homem observador.

A cultura da vulgaridade não sobre estimular reflexões que abram para os mistérios e possibilidades da sexualidade. É muito mais sobre infinitamente reiterar uma particular, comercial e simbolicamente determinada forma de sexualidade. Há uma clara desconexão entre o sexo propriamente dito, entre o “ser sexual”, e o “ser sensual” ou “ser sexy”. Ser sexy, das formas colocadas de objetificação, requer um empobrecimento para agradar ao público, é plastificado. Está ao alcance através de algumas regras ensinadas pela mídia pelos homens da mídia: seios grandes, cintura fina, cílios longos, muitos decotes e decorativismo. E também não está nunca ao pleno alcance, pois requer uma perfeição inatingível, em que se paga em troca o preço da objetificação inanimada. No cenário atual, a mulher sexy não precisa ser sexual e nem é estimulada a descobrir sua individualidade e potencialidades sexuais. Assim, ela serve como objeto de apreciação, agradável e dócil, e não como sujeito sexual com vontades e protagonismo. (LEVY, 2005)

### **3.3 Discursos e práticas**

A busca feminina pela igualdade de direitos com os homens atingiu não só o campo social e econômico, mas também o sexual. Uma modalidade de relacionamento sexual outrora liberada somente aos homens foi adotada na atualidade por algumas mulheres: o sexo casual. Aquela relação sexual que surge não de um relacionamento amoroso, mas de um encontro casual. Onde não há implicação afetiva nem

preocupação com o prazer do outro. Dois indivíduos, ou melhor, dois corpos, se encontram e se conectam para cada um, individualmente, gozar.

O conceito de “ficar”, que emergiu na atualidade, parece ter similaridades com o conceito de sexo casual nas idades posteriores. Jablonski e Carneiro (2005), ao estudar a adolescência, comparam o “ficar” a um ensaio para as relações na vida adulta. Se caracteriza primordialmente pela não existência de um compromisso entre os parceiros, que procuram obter primeira e simplesmente prazer, a partir do exercício da sedução. Os graus de envolvimento variam, podendo ser desde uma troca de beijos e abraços até a consumação de uma relação sexual, mas esta não necessariamente precisa acontecer. Dessa forma, há espaço para certo nível de intimidade, mas, simultaneamente, um relativo afastamento é mantido.

Rieth (2002) discorre sobre como se revela, através do processo de iniciação sexual, a reflexão desses sujeitos sobre as idades da vida, em que a juventude é percebida como uma fase em que se goza da liberdade de experimentar o prazer de viver. Ao mesmo tempo, é a fase em que se solidificam a construção da própria identidade e do entendimento do outro permeado por variados códigos e símbolos.

Essa modalidade de relacionamento tem como foco o prazer sexual e a satisfação individual, não o amor. Mas, paradoxalmente, os motivos para a procura de sexo casual variam. Homens em geral enfatizam razões dentro do ambiente social (aumento de status, comportamento normativo entre os pares do grupo), enquanto as mulheres citam o aumento da probabilidade de encontrar um parceiro para comprometimento numa relação séria. Jovens adultos ainda tem a ideia geral do papel sexual masculino como principalmente ativo e o feminino como principalmente passivo. (REGAN; DREYER , 1999).

Em pesquisa realizada entre os leitores e leitoras do blog Conte com as 3 (2013), foi perguntado como eles acham que a mulher lida com o sexo casual. Para 60% dos participantes da enquete: "Como a mulher lida com o sexo casual?" a resposta escolhida foi "depende muito da própria educação, cultura, família e valores morais de cada um", uma alternativa acrescentada pelos próprios leitores. Para outros 26,6% ela "pratica, mas ainda tem receio de assumir" e para 13,3% ela "pratica e não tem nenhum problema em falar sobre o assunto". Ninguém, entretanto, afirmou considerar que elas “não praticam sexo casual”. Ao longo do tempo, o comportamento sexual de mulheres e homens foi ficando parecido, na medida em que houve mais espaço para discutir-se sexualidade e a procura pelo prazer sexual deixou de ser uma prática



exclusivo do sexo masculino. Porém, ainda é incomum a mulher assumir, perante o meio social ou para si mesma, o desejo apenas por um parceiro ocasional, e ainda existe uma discriminação na sociedade que a atinge milhares de vezes mais que atinge ao homem quando sai com inúmeras pessoas. Além disso, os sentimentos femininos após essa experiência também podem levar a mulher a sentir uma ressaca moral, especialmente, quando a expectativa dela nessa situação está mais voltada para iniciar um compromisso amoroso do que ter algo efêmero.

Um número considerável de estudos que tenta decifrar as razões para o sexo casual o relaciona com o desejo e o consumo de álcool e drogas. Mas talvez a mais chocante descoberta tenha sido no estudo de Grello, Welsh e Harper (2006), em que se descobre o link entre esse comportamento e a depressão. Jovens mulheres que apresentaram sintomas depressivos mais intensos e jovens homens que relataram os sintomas menos intensos foram os mais propensos a se envolver no sexo casual. Culpa, arrependimento e quebra das expectativas sociais podem contribuir para o sofrimento psicológico dessa parcela feminina. Além disso, descobriu-se que garotas tendem a ser menos tolerantes com outras garotas que praticam o sexo casual. Tanto homens quanto mulheres justificam o sexo casual masculino porque eles percebem homens como tendo desejo sexual mais forte.

É interessante relacionar o sofrimento psicológico que emerge dessas questões com a incontestável figura da maternidade. A figura feminina poderia realizar o percurso da inibição sexual ou da virilização (não aceitar a não existência do falo no campo psíquico). Nesse contexto, a sedução seria a maneira pela qual a mulher faria crer ao homem que teria o falo. Ela se apresentaria como perfeita pela via do parecer e do faz de conta. (BIRMAN, 1999). Seja na inibição sexual, na histeria ou na virilização, as mulheres estariam inscritas nos campos da anomalia e da patologia libidinal, afastando-se do encontro com a plena feminilidade.

### **3.4 Satisfação sexual**

Em um estudo realizado por Trindade e Ferreira (2008) é mostrado que, por várias vezes, as mulheres, dentro de uma relação, tornam-se passivas e submissas, abraçando para si a responsabilidade por quaisquer problemas relacionados ao sexo. Elas adotam essa postura, também, ainda, ao se comportarem com atitudes passivas diante da possibilidade de sedução, aguardando que a vontade e/ou a procura parta

do homem. Também apontam que a discussão coletiva entre as mulheres privilegiaria a socialização das soluções dos problemas, retirando-os do universo individual de cada mulher.

Sprecher (2002) encontrou evidências de que a satisfação sexual estaria diretamente associada com a estabilidade de uma relação e estava diretamente ligada com a qualidade da relação, tanto para homens como para mulheres.

Mialon (2012), num estudo sobre fingir orgasmos, afere que mulheres que se importam com o prazer sexual do seu parceiro são mais predispostas a fingir o prazer. Isso vai diretamente de encontro com a ideia inicial de que carinho ou amor aumenta a probabilidade do fingimento, e a satisfação sexual é trocada por outro tipo de satisfação. Além disso, já podemos ver que os conceitos de satisfação sexual são bem diferentes entre homens e para mulheres.

Aos homens é conferido o senso comum de gostarem mais de ter relações sexuais com frequência. Para Jablonski (2005), em razão das expectativas que são alimentadas pela cultura e pela sociedade, os homens tendem a antecipar um relacionamento mais sexualizado do que as mulheres.

Através de um estudo, Morgan (2011) prova como níveis de exposição a materiais sexualmente explícitos na juventude são associados a certos comportamentos sexuais e nível de satisfação sexual e relacional, assim como preferências sexuais. Enquanto homens usam esses materiais durante atividades sexuais solitárias, mulheres usam com mais frequência com parceiros ou em atividades sexuais interativas online. Além disso, pessoas que vêem com frequência, desde cedo, esse tipo de material, tendem a ser menos satisfeitas com o sexo na vida real e com pretensões não-realísticas.

Não são só os parâmetros sobre sexo que se alteram com a proliferação de materiais sexuais exagerados e ilusórios. As noções do corpo perfeito também entram em choque com a realidade. Um dos maiores problemas encontrados para a falta de desejo das mulheres foi a angústia de não corresponder à imagem da mulher com o corpo perfeito, que aparece também nas revistas e TVs, tornando-se uma questão cultural que inibe a libido. (GOLDENBERG, 2005).

A percepção da infidelidade feminina como fenômeno derivado da contrapartida masculina e tendo um sentido orientado pelo desejo de se sentir desejada ou de vingança, alegando falta de amor, insatisfação, crise ou problemas no relacionamento, é corroborada pela pesquisa conduzida por Goldenberg junto às camadas médias

urbanas cariocas. Ela descobre que, a mulher claramente não se assume nem se enxerga como um sujeito da eventual traição. Ela não age, ou não considera agir, de forma autônoma nestas situações, mas sim culpabilizam o parceiro pouco dedicado ou ainda também infiel como uma forma de evocar uma motivação para a ação. Os homens, por sua vez, explicam com mais assertividade o ato, de forma a colocarem-se como sujeitos participantes. Eles explicam como consequência de uma mistura de elementos: “atração física, vontade, tesão, oportunidade, galinhagem, natureza masculina, instinto”. (GOLDENBERG, 2006)

Isso traz luz sobre a discussão da origem do desejo feminino. O desejo é genuíno ou está ligado à retribuição da mulher sobre se sentir desejada? Existe o modus operandi ativo x passivo na essência do desejo. Só há desejo real quando há liberdade, e o desejo é da ordem da escolha.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do trabalho, podemos observar que a liberdade sexual feminina atual é incompleta, com uma série de ressalvas e um número maior ainda de questionamentos. A perpetuação de certos modelos que não se renovam é clara. Mesmo com movimentos sociais, formas e formatos de relacionamento e envolvimento sexual se mantêm.

Os “comportamentos de risco” no mercado do amor e do sexo se modernizaram, se é que se pode dizer desta forma, mas se mantêm vivos e pertinentes. Existem estigmas e julgamentos, bem como escalas de valoração entre uma infinidade de comportamento. Nessas condições, é questionável o embaralhado nexos entre o imaginário de paraíso sexual e as condições concretas simbólicas e materiais do exercício da sexualidade no Brasil, tema que requer estudos mais profundos.

A noção de scripts sexuais, isto é, roteiros para serem seguidos como em uma dramaturgia, continua em voga mesmo nas novas gerações, ainda que com uma roupagem diferente. A liberdade é estimulada e até festejada, mas nos moldes do domínio masculino. O jogo de coquetismo e a noção de ativo/passivo nas relações afetivos e sexuais como características respectivamente masculinas e femininas ainda tem seu lugar.

É difícil quebrar com esse *status quo* silencioso de comportamentos de risco, por que em sua essência, a interação amorosa deve ser compreensível e agradável para todos os participantes. E isso requer signos, símbolos e sinais de comum entendimento. Os valores mudam, mas os pensamentos continuam parecidos: há a expectativa, consciente e inconsciente, de uma diferença de comportamento e visão entre gêneros. É uma falsa promessa de uma vivência mais fácil e segura.

Isso mostra que ainda temos muito o que percorrer, sendo a conscientização o primeiro passo. Ao falar sobre liberdade sexual e analisar o comportamento investigando equiparidade entre discurso e realidade, chamamos atenção para as dificuldades ainda presentes e desafios emergentes, mesmo com um discurso do feminismo relativamente forte na atualidade.

Compreender a questão cultural é uma forma de ter ciência do que rege os nossos comportamentos e um caminho para se libertar dos diversos modelos impostos pela

sociedade. Entender como a cultura impõe os modelos nos torna livres para interpretá-los e decidir se desejamos ou não nos adaptar a eles. Mais importante do que procurar as respostas para estas questões, é que, como mulheres, seja o momento de viver, intensamente, nossas dúvidas. Mudar necessariamente acarreta perdas e riscos, abrir mão de posições privilegiadas e questionar muitas das atitudes mecânicas impostas socialmente, bem como ter uma atitude criativa e crítica diante da própria existência e da vida de um modo geral, abrangendo seres humanos diferentes com necessidades diferentes de relacionamento, deixando de lado falsos mitos da felicidade. Temos a oportunidade, e o desafio de inventar a mulher, o sexo, o casal, o casamento, a família e a vida não só da “contemporaneidade”, um pouco fria e distante, mas sim que queremos para nós, todos os dias. Nessa invenção, em que os estereótipos não deveriam ter lugar, acredito que ganham homens e mulheres que, sentindo-se responsáveis pela construção cotidiana de sua sexualidade, não aceitam tão facilmente comportamentos machistas, cobranças irreais e fantasias. Colocar e enxergar o sexo dentro de um terreno de igualdade, é uma possibilidade enorme de liberdade que nos possibilita transitar por diversas posições de força, de vulnerabilidade e de muito prazer.

Será que a satisfação sexual está conectada a comportamentos sexuais? Para Rangé (2001), quando pensamos em soluções e tratamentos das possíveis disfunções sexuais femininas contemporâneas, devemos sair da dimensão biológica e adentrar por seus pensamentos, comportamentos e afetos. Avaliar também sua desinformação sobre seus próprios desejos, seu próprio corpo, sua própria subjetividade.

“Os tabus morais devem ser trabalhados através de um processo de desenvolvimento de sua atração, estimulação adequada, função sexual, para que ela reformule suas convicções a respeito do ato sexual, amplie seus conhecimentos sobre o assunto e compreenda o que ocorre de errado na sua relação com si mesmo e com seu parceiro.” (GEZONI, 2011)

Afinal, o que é liberdade? Não existe uma liberdade universal, cada um constrói para si esse conceito ao longo da vida. A perspectiva do movimento feminista pensa o prazer como um direito, ligado à liberdade de escolha e associado diretamente ao autoconhecimento. Uma mulher empoderada de seu prazer é uma mulher que compreende a sua potência sexual e as suas potencialidades individuais. Ela sabe

dentro e o que está fora desse terreno, o que faz bem e o que faz mal ao seu corpo. Aprende a não anular seus próprios sinais, para assim conseguir os reconhecer.

Partindo deste lugar de integridade do corpo, mente e alma, vamos nos tornamos esclarecidas e tendo cada vez mais a capacidade de fazer escolhas conscientes, o que, conseqüentemente, nos torna mulheres mais autônomas, autoconfiantes e certamente mais libertas. A liberdade pode ser a busca pela autoconsciência sobre o que somos, nas reflexões constantes sobre o meio em que estamos inseridas, sobre as nossas atitudes, sobre as atitudes dos outros, sobre o que sentimos, sobre os o que os outros sentem, e sobre as relações que construímos. Através dessa maneira, temos mais clareza, segurança e confiança de ir em direção a que m queremos ser, que é quem verdadeiramente e essencialmente somos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABDO, Carmita Helena Najjar; et. al. **Perfil sexual da população brasileira: resultado do estudo do comportamento sexual (ECOS) do brasileiro**. Revista Brasileira de Medicina. São Paulo, v. 59, nº 4, p. 250-257, 2002.
- ALEXIM, Silvia Nunes. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha**. 1ª ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.
- ALLEN, Louise. **Girls Want Sex, Boys Want Love: Resisting Dominant Discourses of (Hetero) Sexuality**. SAGE Journals, v. 6, issue: 2, p. 215-236, 2003.
- BANDAZ, Tayná. **Desconstruindo o tabu da sexualidade feminina**. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/betaredacao/desconstruindo-o-tabu-da-sexualidade-feminina-e364c5b8a755>>. Acesso em 16 de abril
- BERNARDI, Marcello. **A deseducação sexual**. 2ª ed. São Paulo: Summus, 1985.
- BIRMAN, Joel. **Gramáticas do Erotismo**. Edição. Cidade: editora, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Edição. Cidade: editora, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998
- BORIS, Georges; CESÍDIO, Mirella de Holanda. **Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade**. Revista Mal-estar e Subjetividade. Fortaleza, v. 7, nº 2, set. 2007.
- BONZON, Michel. **Amor, Sexualidade e Relações Sociais de Sexo na França Contemporânea**. 1995.
- CARLOS, Paula Pinhal de. **Sou para casar ou pego, mas não me apego?: práticas afetivas e representações de jovens sobre amor, sexualidade e conjugalidade**. 2011. 264f. Tese de Pós-Graduação. Universidade Federal de Santa Catarina: Santa Catarina, 2011.
- CATILO, Nathália Soares Dourado Del. **Mrs. Carter Show: Um estudo de gênero sobre a produção discursiva da celebridade Beyoncé**. 2015. 138f. Monografia. Universidade de Brasília: Brasília. 2015.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2006.
- COSTA, Elis Regina; OLIVEIRA, Kênia Eliane. **A sexualidade segundo a teoria psicanalítica Freudiana e o papel dos pais neste processo**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG. Goiás, v. 2, nº 11, 2011.

COUTINHO, Eduardo. **A comunicação do oprimido e outros ensaios**. Editora Mórula, 2014

D'AMORIM, Maria Alice. **Estereótipos de gênero e atitudes acerca da sexualidade em estudos sobre jovens brasileiros**. *Revista Trends in Psychology/Temas em Psicologia*. Ribeirão Preto, v. 5, nº 3, dez. 1997.

DEUTSCH, Hélène. **La Psychologie des Femmes: Étude Psychanalytique**. Paris: Presses Universitaires de France, 1997.

DOMINGUES, Maraiana Rosa Cavalli; DOMINGUES, Taciano Luiz Coimbra. **Foucault e a análise psicanalítica do feminino**. *Revista Científica do Unisalesiano*. São Paulo, ano 2, nº 5, out. 2009.

FALCKE, Denise; ZORDAN, Eliana. **Amor, Casamento e Sexo: Opinião de Adultos Jovens Solteiros**. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. Rio de Janeiro, v. 62, n. 2, 2010.

FRANCISCO, Ana Lucia; CAVALCANTI, Rosalia Andrade. **A concepção Freudiana acerca do feminino**. *Veredas Revista Eletrônica de Ciências*, ano 10, v. 7, nº 2, 2014.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; JABLONSKI, Bernardo. **Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas**. *Interação em Psicologia*, Curitiba, out. 2005.

FREUD, Sigmund. **Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor: Contribuições à psicologia do amor (1912)**. In: Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud. Vol. 11. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969).

GAGNON, John; WILLIAM, Simon. **Sexual Conduct: The Social Sources of Human Sexuality**. Chicago: Aldine Publishing, 1973.

GEZONI, Andiaria Loeffler. **Sexualidade feminina: aspectos culturais da repressão sexual e suas consequências**. 2011. Disponível em: < <http://www.redepsi.com.br/2011/03/26/sexualidade-feminina-aspectos-culturais-da-repress-o-sexual-e-suas-consequencias/> >. Acesso em 18 de maio de 2019

GRELLO, Catherie M.; WELSH, Deborah P.; HARPER, Melinda. **No strings attached: The nature of casual sex in college students**. *The Journal of Sex Research*. v. 43, 2006.

GOLDENBERG, Mirian. **Gênero e corpo na cultura brasileira**. *Revista Psicologia Clínica*. Rio de Janeiro, v.17, nº2, p.65-80, 2005.

GOLDSCHIEDER, Frances; WAITE, Linda. **New families, no families? The transformation of the American Home**. University of California Press, 1991.



- HALL, Stuart. **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HEATH, Sue; CLEAVER, Elizabeth. **Young, Free and Single?**. Palgrave Macmillan, 2003.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Corpos na cidade: sedução e sexualidade**, In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia Urbana*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1999.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Entre as tramas da sexualidade brasileira**. *Revista Estudos feministas*. Florianópolis, v. 14, nº 1, p. 43-59, jan/abr 2006.
- HOLLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Difel, 1972.
- JUNQUEIRA, Victoria Alves. **Iniciação sexual: uma análise sobre a experiência da sexualidade na juventude feminina contemporânea**. *CSONline – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, Juiz de Fora, n. 23 (2017), pp. 263-281
- JOTA, Fernanda Schiebar. **O meu prazer é o meu maior desejo: uma análise da sexualidade feminina na contemporaneidade**. Mestrado em Psicologia clínica e cultura/UNB. Brasília, out. 2007.
- LEVY, Ariel. **Female Chauvinist Pigs: Women and the Rise of Raunch Culture**. 1ª ed. New York: Free Press, 2005.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas**. *Revista ProPosições*, v. 19, nº 2, p 17-23, maio/ago, 2008.
- MCLLELAND, Sarah. **Intimate Justice: Sexual satisfaction in Young adults**. 2014. 24f. Dissertation. The City University of New York: Nova York. 2009.
- MCROBBIE, Angela. **Four Technologies of Young Womanhood**. Apresentado no Zentrum fur Interdisziplinare Frauen und Geschlechterforschung. Berlim, out.2006. Disponível em: <<https://www.gold.ac.uk/media/documents-by-section/course-finder/mcrobbie1.pdf>>. Acesso em 14 de abril de 2019
- MEIRELLES, Tatiana. **“PEGAR, FICAR, NAMORAR...” Jovens mulheres e suas práticas afetivo-sexuais na contemporaneidade**. 2011. 185f. Tese de Pós Graduação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre. 2011.
- MIALON, Hugo. **The Economics of Faking Ecstasy**. *Economic Inquiry*, v. 50, nº 1, p. 277–285, jan. 2002.
- MOUTINHO, Laura. **Razão, cor e desejo**. São Paulo: UNESP, 2004.

MORGAN, Elizabeth. **Associations between young adults' use of sexually explicit materials and their sexual preferences, behaviors, and satisfaction.** The Journal of Sex Research, v. 48, iss 6, p. 520, 2011.

OLIVEIRA, Claudia. **A 'Vênus Moderna'\*: Mulher e Sexualidade nas Ilustradas Cariocas Fon-Fon!, Selecta e Para Todos..., entre 1900-1930.** Mneme - Revista de Humanidades, v. 5, nº 11, jul./set., 2004.

PAIS, José Machado. **Buscas de si: expressividades e identidades juvenis.** In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (Orgs.): Culturas jovens, Rio de Janeiro: Xahar, 2006.

PEPLAU, Letitia; RUBIN, Zick; HILL, Charles. **Sexual Intimacy in Dating Relationships.** Journal of Social Issues, v. 33, nº 2, 1977.

POLICARPO, Veronica. **Indivíduo e Sexualidade: a construção social da experiência sexual.** 2011. 440f. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa: Lisboa. 2011.

RANGÉ, Bernard. **Psicoterapia Comportamental e Cognitiva: transtornos psiquiátricos.** Vol. 2. São Paulo: Livro Pleno, 2001.

REIS, Margareth dos. **Como a mulher lida com o sexo casual?.** 2013. Disponível em: <[http://contecom3.com.br/diva\\_interna?id\\_pub=289](http://contecom3.com.br/diva_interna?id_pub=289)>. Acesso em 22 de junho

REGAN, Pamela; DREYER, Carla. **Lust? Love? Status? Young Adult's Motives for Engaging in Casual Sex.** Journal of Psychology & Human Sexuality, v. 11, iss. 1, 1999.

RIETH, Flavia. **A iniciação sexual na juventude de homens e mulheres.** Revista Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, v.8, nº 17, jun. 2002.

SANTOS, Diego. **Atitudes de jovens solteiros frente à família e ao casamento: novas tendências?.** Monografia, Pontifícia Universidade Católica. Rio de Janeiro, 2005.

SCHUCH, Patrice. **"Ficar" ou namorar: eis a questão: relações de gênero, afeto e corpo entre jovens universitários de Porto Alegre.** Revista Brasileira de Sociologia da Emoção. João Pessoa, v. 1, nº 3, p. 282-302, dez. 2002.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade. Porto Alegre , 20, 71-99.

SIMMEL, Georg. **Psicologia do Coquetismo.** Filosofia do amor. São Paulo: Martins Fontes, 1993, p. 93-111.

- SOIHET, R. **Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica?** In: Estudos de Sociologia, Araraquara, v.13, n.24, p.191-207, 2008
- SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. 1ª ed. São Paulo: Aeroplano, 2009.
- SPRENCHER, Susan. **Sexual satisfaction in premarital relationships: Associations with satisfaction, love, commitment, and stability**. The Journal of Sex Research, v. 39, iss. 3, 2002.
- TRINDADE, Wânia Ribeiro; FERREIRA, Márcia de Assunção. **Sexualidade feminina: questões do cotidiano das mulheres**. Revista Online Texto Contexto Enfermaria. Florianópolis, v. 17, p. 417-26, jul/set 2008.
- XAVIER FILHA, Constantina. **Discursos da intimidade**. São Paulo: FEUSP, 2005.
- WOLF, Clarissa. **A Falácia Da Libertação Sexual E As Novas Formas De Dominação**. 2014. Disponível em: <<http://www.catarticos.com.br/doce/liberacao-sexual-vs-novas-formas-de-dominacao/>>. Acesso em 24 de maio de 2019
- WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza: Como as Imagens de Beleza são Usadas Contra as Mulheres**. 1ªed. Rio de Janeiro: Rocco. 2018.
- ZUCKERMAN, Marvin; KUHLMAN, D. Michael. **Personality and Risk-Taking: Common Biosocial Factors**. Journal of Personality, v. 68, iss. 6, p. 999–1029, 2002.